JOSUÉ DE CASTRO: MARCAS GEOGRÁFICAS E GEOPOLÍTICAS DA FOME.[1]

Tânia Elias Magno da Silva.[2]

A Geografia cedo tornou-se campo de estudos e preocupações da extensa obra do médico e geógrafo pernambucano Josué de Castro.[3] Em 1933, funda no Recife, junto com outros companheiros de ideal, a primeira Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da cidade e além de seu primeiro diretor é nomeado o responsável pela cadeira de Geografia Humana, ministrada no 1° ano do curso.

Embora a Faculdade tenha tido vida efêmera, pois deixa de funcionar em 1935, quando Josué transfere-se do Recife para o Rio de Janeiro, a inclinação para os estudos geográficos, pautados no método da chamada "geografia moderna", cujos postulados encontravam-se formulados nas obras científicas de Karl Ritter, Humboldt, Ratzel e Vidal de La Blache[4], influenciaram vários de seus estudos, entre os quais destacam-se:

A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana, publicado em primeira edição no ano de 1937, no qual busca abarcar as várias faces do problema alimentar. O emprego do método geográfico na análise deste problema é um recurso utilizado no intuito de ao abordar a questão de forma mais ampla e de acordo com a paisagem humana e sua cultura conseguir captar a noção exata do

---

[1] Este artigo é baseado no capítulo "Geografia da Fome", da minha Tese de Doutorado intitulada "Josué de Castro: Para uma Poética da Fome", defendida em 1998, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC.

[2] Doutora em Ciências Sociais. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

[3] Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife e faleceu em 23 de setembro de 1973, em Paris - França. Era médico de formação com especialização em doenças da alimentação, na época entendidas como um campo da endocrinologia.

[4] Ver a esse respeito, entre outros: MORAES, Antônio Carlos Robert. *GEOGRAFIA. PEQUENA HISTÓRIA CRÍTICA.* 3ª. Ed. São Paulo: Hucitec. FERREIRA, Conceição Coelho e SIMÕES, Natercia Neves. *A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.* Lisboa: Gradiva, 1986. A respeito da influência do pensamento geográfico na formação de nossos cientistas sociais sem formação específica e da própria formação desta ciência, entre outros: PETRONE, Pasquale. "Geografia Humana", In: FERRI, Mário Guimarães e MOTAYAMA, Shozo (org.).*HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL.* São Paulo: EDUSP, 1979-1981. Capitulo 12. ANDRADE, Manuel Correia de. " O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira". In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Junho de 1877. N. 54.

que representava a alimentação na formação e evolução do povo brasileiro. Entendia poder desta forma ter uma visão *rotativa e totalitária do problema.* (1937: 24)

Como justifica o autor nas páginas introdutórias de sua obra:

> *Não queremos dizer que este trabalho seja uma monografia geográfica, mas pelo menos, que foi orientada sob a inspiração do espírito geográfico, que como dizia Ratzel - o criador da Antropogeografia - vem impregnando duma maneira fecunda, todo o pensamento moderno.(1937: 24)*

Há uma evidente preocupação do autor com as questões de ordem teórico-metodológicas e com o correto emprego da geografia no estudo dos problemas da alimentação do brasileiro, em especial, com o entendimento do campo de estudos da geografia definido por Martone como a ciência dos fenômenos físicos, biológicos e sociais encarados em sua distribuição na superfície do globo, suas causas e relações recíprocas.

Em 1939, publica um compêndio didático de Geografia Humana para ser utilizado nos terceiros anos do segundo grau, intitulado *Geografia Humana - Estudo da Paisagem Cultural do Mundo.* Esta obra é prefaciada pelo professor Preston. E. James, da Universidade de Michigan dos Estados Unidos, que estivera durante a década de trinta lecionando no Brasil, e que exerceu grande influência no pensamento geográfico de Josué, de quem este se tornou amigo e colaborador.

Segundo o depoimento do professor AB'Sader, este livro representou uma evolução muito grande em relação aos padrões de livros didáticos da época, pois trouxe inovações, embora não tenha sido recebido com o mesmo entusiasmo que foram recebidos os seus livros sobre a fome, afinal tratava-se de um livro didático para o curso de nível médio e voltado para um publico específico:

> *(...) O livro era bom mas era uma síntese, com muitas informações de Segunda origem. Ele se baseou muito nas idéias de um grande geógrafo americano que vinha trabalhando no Brasil com uma intensidade muito forte, que era o prof. Preston James. Então, por esse motivo,*

por ser um livro didático que utilizava informações secundárias, embora de excelente nível, o livro não chegou a mostrar uma originalidade tão grande quanto aquela que aconteceu com os livros Geografia da Fome e Geopolítica da Fome e outros.[5]

Em 1959, é lançada a Segunda edição desta obra, totalmente reformulada, já sem o caráter didático, embora a primeira parte conservasse o conteúdo original. Josué acrescenta uma introdução a respeito da contribuição da Geografia para o estudo de outras ciências, bem como sua importância para a interpretação da vida em nosso planeta, afirmando que sob a influência desta e do sentido ecológico derivante dos estudos geográficos, *originou-se um ecologia botânica, uma ecologia zoológica, uma biologia humana ecológica, que não é senão a antropologia, e a uma ecologia humana pura que é a própria sociologia.*

Em que pese esta consideração quanto a influência da Geografia sobre o aparecimento e/ou construção dessas ciências ser discutível, o que é importante registrar é a perspicácia intelectual do médico/geógrafo e a discussão a que se propõe, de cunho nitidamente filosófico, inclusive para a construção de uma Geografia filosófica. É preciso igualmente considerar não só o auto-didatismo do autor, mas também as discussões que ocorriam no âmbito da Geografia na época em que o texto foi escrito. [6]

Em 1938, recebe um convite para assumir a cadeira de Geografia Humana na Universidade do Brasil, tendo em vista que em virtude do golpe getulista de 1937 terem sido demitidos vários docentes de seus cargos, entre eles o professor Pierre Deffontaines responsável por essa cadeira na antiga Universidade do Distrito Federal. Em 1948, defende a cátedra de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil - ex. - Universidade do Distrito Federal e atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - com o trabalho *Fatores de Localização da Cidade do Recife,* escrito nos rigorosos moldes do trabalho acadêmico, *com mais vagar e densidade cientifica. É aprovado com distin*ção.

Neste estudo, posteriormente publicado, procura demonstrar como é complexa a trama dos fatores que intervêm na elaboração criadora de uma cidade,

---

[5] Entrevista realizada em São Paulo, março de 1995.

[6] Esta introdução, originalmente um artigo, já havia sido publicada no jornal DIÀRIO DE NOTÌCIAS, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1949 e republicada no mesmo jornal em 13 de maio de 1951, com o título " O Espírito Geográfico na Filosofia Moderna".

desde a escolha de seu assentamento até as manifestações mais singulares de sua vida econômica e social. Procura mostrar as correlações diretas e remotas que se estabelecem entre condições naturais e elementos históricos-culturais, determinando um continuo reajustamento do grupo ou grupos humanos em contato, numa determinada área geográfica, onde se precipita esse tipo característico de complexo cultural que se chama cidade.(1951:201-203)

Contrapõe neste estudo as duas Recifes que caracterizam a paisagem urbana da cidade, a dos bairros povoados de palacetes de luxo e a cidade das palafitas, denominadas de "Mocambópolis" pelo geógrafo Mário Lacerda de Melo, de quem Josué empresta o termo. A contradição entre essas duas áreas urbanas é apontada como resultante dos fatores econômicos que induzem a estas ocupações desordenadas em áreas pouco salubres. Este estudo foi considerado por vários autores como um estudo de antropologia urbana e, neste sentido, pioneiro para a época.

Vários artigos publicados no período de 1936 a 1953 encaminham a sua discussão para o campo da geografia, entre estes destacam-se: "Revalorização do Nordeste"(1936), "Os Mocambos do Nordeste"(1937), "O Regionalismo na Paisagem Cultural Brasileira"(1944), "Áreas Alimentares do Brasil"(1945), O Espírito Geográfico na Filosofia Moderna"(1949 e 1951) e "A Cidade do Recife" (1957).

As duas obras que acabaram consagrando-o definitivamente no cenário nacional e internacional foram *Geografia da Fome(1946) e Geopolítica da Fome(1951)*. Nestes trabalhos o fenômeno da fome é analisado a partir do entrelaçamento de várias áreas do conhecimento, dando ênfase aos fatores estruturais como a correlação entre a formação histórico-econômica de cada área de fome e os condicionantes físico-geográficos, fisiológicos, culturais e políticos da fome. Através de uma perspectiva mais ampla de estudo, procura delinear geográfica e geopoliticamente as marcas da fome no Brasil e no mundo, bem como abarcar a globalidade e a complexidade do fenômeno.

O Mapa da Fome traçado por Josué para localizar o fenômeno em seus nichos causou acirrada polêmica entre os defensores da propaganda oficial do Brasil como "terra da promissão" e os críticos da postura oficialóide e mascaradora do verdadeiro retrato do país. O autor e a obra acabaram elogiados por uns e execrados por outros. Apesar das inúmeras tentativas de desmentir as denúncias contidas na obra e invalidar o Mapa da Fome, o véu da mentira acabou caindo e revelando a contragosto para muitos os quadros contraditórios que

caracterizavam o desenvolvimento brasileiro.

O presente artigo pauta-se na análise destas duas obras, no sentido de revelar as marcas geográficas e geopolíticas da fome traçadas por Josué de Castro e que continuam presentes na realidade brasileira e mundial, em que pese ter se passado mais de cinqüenta anos de lançamento da Geografia da Fome e quase outro tanto da Geopolítica da Fome..

Os Nichos da Fome e a realidade brasileira.

Os dados acerca da realidade brasileira colocam-nos como um dos países com a pior distribuição de renda do mundo, temos como um dos parceiros nesta triste estatística nada menos que a pequenina Serra Leoa no coração da África. Em 1993, os alarmantes índices de pobreza obrigaram o governo federal a criar o CONSEA - Conselho de Segurança Alimentar - cujo objetivo era o de erradicar a fome no país através da implementação de uma série de programas na área social, que em que pese as diretrizes traçadas na época, acabaram se reduzindo na distribuição de bolsas alimentos e na doação de leite para mães e menores carentes. A filantropia governamental pensava poder esconder a realidade através de medidas paliativas e eleitoreiras.

Em nenhum momento o modelo econômico e os verdadeiros algozes da miséria brasileira estiveram na mira de ataque do governo no combate à pobreza, a fome e a miséria. As análises foram e continuam sendo pontuais e parciais e as soluções meros paliativos conjunturais e, diante dessa conivência oficial com o que se pode denominar de "genocídio" dos mais pobres, continuamos ostentando como símbolo pátrio o nosso Mapa da Fome cada vez mais crítico.

A obra *Geografia da Fome* publicada em outubro de 1946, pela editora O Cruzeiro, é dedicada à Raquel de Queiroz e José Américo de Almeida - *"romancistas da fome no Brasil"* e à memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, *"sociólogos da fome no Brasil"*. No primeiro parágrafo do prefácio o autor alerta os leitores para o assunto bastante delicado e perigoso do livro:

> *(...). A tal ponto delicado e perigoso que se constitui num dos tabus de nossa civilização.*[7]

O assunto é introduzido a partir da análise de dois grandes temas considerados proibidos por longo período: a fome e o sexo. O sexo desmascarado por Freud, *um homem de gênio que afirmou diante do fingido espanto da ciência e da moral oficiais, que o instinto sexual é uma força invencível, tão intensa que atinge a consciência e a domina inteiramente,* e a fome cujo desmascaramento só decorreu após duas guerras e uma revolução social - a revolução russa - *nas quais pereceram dezessete milhões de criaturas das quais doze milhões de fome.*

Os diálogos que manteve com Pierre Deffontaines, Preston James, Pierre Verger, Pierre Monbeig, Max Sorré, Roquette Pinto, Arthur Ramos, Fernando Azevedo, Roger Bastide, Thales de Azevedo, Djacir Menezes, Donald Pierson, muito contribuíram para sua percepção da globalidade e complexidade dos fenômenos sociais, ampliando seu horizonte cognitivo para uma compreensão mais totalizadora do homem.

Geografia da Fome representa um marco no estudo da realidade brasileira, primeiro por mapear a fome revelando os seus nichos e, segundo, por correlacionar fome e subdesenvolvimento.

São cinco as "áreas culturais" apontadas pelo Mapa da Fome, cujo critério de divisão toma como premissa as análises dos sistemas alimentares, diferindo dessa forma da divisão estabelecida em 1943, pelo IBGE, feita por Fábio de Macedo Soares Guimarães, que dividia o Brasil em cinco grandes regiões naturais.[8]

As cinco áreas culturais são: a Amazônia, a área da Mata do Nordeste, Sertão do Nordeste, Centro-Oeste e Extremo-Sul. As três primeiras foram consideradas, na sua opinião, as áreas críticas da fome no país:

> *Das cinco áreas que formam o mosaico alimentar brasileiro, três são nitidamente áreas da fome (...) Nelas vivem populações que em grande maioria - quase diria na sua totalidade – exibem permanentemente ou ciclicamente*

---

[7] CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome.* 10 ed. Rio de Janeiro: Antares-Achiamé, 1982. (Clássicos da Ciências Sociais). p. 29. Esta edição apresenta o Prefácio para a nona edição feita pelo prof. André Mayer da Universidade de Paris e ex-presidente do Conselho Executivo da FAO, e o Prefácio à décima edição, feita pelo prof. Alceu Amoroso Lima.

[8] Ver a respeito: ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: O homem, O cientísta e o seu Tempo. In: CASTRO, Anna Maria. (org.) *Fome, um Tema Proibido. Os Últimos Escritos de Josué de Castro.* 3 ed. Comemorativa do cinquentário da publicação de Geografia da Fome, Recife: CONDEPE/CEPE, 1996. p. 296 – 297.

as marcas inconfundíveis da fome coletiva. Dentro do plano geral de nossa obra, que visa à análise das áreas de fome do mundo, só cabe, pois, o estudo circunstanciado das três primeiras áreas brasileiras, daquelas em que o fenômeno da fome se manifesta numa categoria de calamidade coletiva. (1982: 60)

O Centro-Oeste e o Sul foram consideradas áreas de subnutrição e não propriamente de fome. A análise da correlação entre ecologia e alimentação é o fio condutor deste estudo, que busca responder a duas questões: "Porque a fome? Resulta de que fatores?" Em busca de resposta a estas questões detém-se na análise dos hábitos alimentares das populações, com ênfase nos condicionantes históricos, econômicos, culturais e geográficos. Procura demonstrar como as condições climáticas, econômicas e culturais influenciaram e influenciam esses costumes alimentares, muitas vezes empobrecendo-os e trazendo como conseqüências uma série de doenças da fome, como é o caso do beribéri, da pelagra, do escorbuto e da tuberculose, entre outras.

Diferentemente da área amazônica em que as causas da fome são apontadas como decorrentes da pobreza natural em alimentos da floresta equatorial, no estudo da região Nordeste considera o fenômeno chocante, *porque não se pode explicá-lo á base de razões naturais*, evidenciando as causas estruturais da fome:

Quatro séculos de ação tão extremada, a serviço de um só objetivo, deram ao processo de transformação econômico-social do Nordeste o sentido de uma dramática experiência sociológica, servindo as mil maravilhas para demonstração viva de uma infinidade de pontos de vista fundamentais em ecologia. Da paisagem nordestina a expressão geográfica é tão rica de significação e tão impregnada de história que os seus traços componentes se destacam sempre bem ordenados, em função do elemento criador de sua vida econômica - a cana de açúcar.(113)

Na análise do nordeste açucareiro ao discorrer sobre as condições histórico-econômicas, responsáveis pela formação dos hábitos alimentares, ressalta a ação destrutiva da monocultura canavieira, tanto para o meio natural, como para o homem, subvertendo por completo o equilíbrio ecológico da paisagem e

entravando todas as tentativas de cultivo de outras plantas alimentares do lugar. A ação monopolizadora do plantio da cana-de-açúcar foi um dos elementos primordiais da degradação dos recursos alimentares nessa região.

Contudo, salienta que *mais destrutiva do que esta ação direta da cana sobre o solo é a sua ação indireta, através do sistema de exploração da terra que a economia açucareira impõe: exploração monocultora e latifundiária.*

Nas conclusões sobre as nefastas conseqüências que a cana-de-açúcar trouxe para o ecossistema, pode-se entrever uma forte influência dos estudos de Gilberto Freyre e Djacir Menezes.[9]

> *(...) Já afirmou alguém, com razão, que a exploração da cana-de-açúcar se processa num regime de autofagia: a cana devorando tudo em torno de si, engolindo terras e mais terras, consumindo o humo do solo, aniquilando as pequenas culturas indefesas e o próprio capital humano, do qual sua cultura tira toda a vida. E é a pura verdade.(117)*

Embora deixe transparecer a influência das análises de Gilberto Freyre em relação a ação nefasta da cana na paisagem natural e cultural do Nordeste, faz sérias restrições às afirmações feitas por este escritor na obra "Casa Grande & Senzala" a respeito da alimentação dos escravos.,

> *A rigor o sociólogo não deveria escrever os mais bem alimentados, mas os que comem maiores quantidades de alimentos, o que é diferente (...) Quando um sociólogo ignora que proteínas e albuminóides vêm a ser a mesma coisa e cai na pachecada de escrever que a nutrição da família colonial brasileira é de má qualidade "pela pobreza evidente de proteínas e possível de albuminóides" (Casa Grande & Senzala, 1° edição,*

[9] Ver a respeito, principalmente, os estudos: MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste. Formação Social do Nordeste.* Rio de Janeiro: Josué Olympio, 1937 e FREYRE, Gilberto. *Nordeste.* 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

p.63), não se pode mais levar a sério a sua obra científica. (145)[10]

A área do sertão do Nordeste é caracterizada por um novo tipo de fome, que apresenta-se, episodicamente, em surtos epidêmicos. Estas fomes episódicas, conseqüência dos longos períodos de secas que atingem a região, caracterizam-se por epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando violentamente os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda, nos prolongados períodos em que a região enfrenta esse flagelo.

Embora em sua análise o autor coloque indistintamente ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças, como açoitados por igual frente a esta calamidade, é necessário ressaltar que os grandes proprietários rurais, mesmo no sertão, sempre caracterizaram-se pelo absenteísmo e pela capacidade de fugir da região tão logo os prenúncios de uma longa estiagem fossem detectados, poucos morreram de fome e sede, portanto apesar do fenômeno da seca atingir toda uma região com a mesma intensidade, sempre foram os mais pobres que sofreram os maiores reveses. Os relatos de viajantes e cronistas, bem como dos romancistas da seca, evidenciam bem este fato. [11]

O milho é apontado como o alimento básico desta área, embora não seja exclusivo e não se constitua na fonte obrigatória nem de proteínas, nem de vitaminas, nem de sais minerais do sertanejo. O milho é consumido, quase sempre, juntamente com o leite, o que resulta, segundo o autor, numa "feliz" combinação, pois a caseína do leite completa as deficiências em aminoácidos da zeína do milho. Ressalta dessa forma como a sabedoria popular contida na cultura dos grupos é

[10] A crítica a Gilberto Freyre é por certo exagerada, pois este equívoco não chega a anular a cientificidade e o valor de sua obra, mas revela a animosidade que existia entre os dois e que tem origem ao que parece, com a crítica que Gilberto fez ao livro de Josué, "O Problema da Alimentação no Brasil", e que recebeu, por parte de Josué, uma resposta na imprensa através de artigo publicado no DIÁRIO DA MANHÃ, de Pernambuco, em 3 de fevereiro de 1934, intitulado: "Casa Grande & Senzala".
Apesar desta crítica, em várias passagens de Geografia da Fome, concorda com o autor de Casa Grande & Senzala.

[11] Ver a esse respeito, entre outros: SOUZA, Itamar de. e FILHO, João Medeiros. *Os degradados Filhos da Seca.* 3 ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1984. MENEZES, Djacir. A seca problema social, raízes econômicas. Rio de Janeiro, Diário de Notícias, 8 de março de 1951; MEDEIROS FILHO, João. e SOUZA, Itamar de. *A Seca do Nordeste: Um Falso Problema.* Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes, 1988. Nesta obra os autores fazem uma avaliação das diversas políticas desenvolvidas pelo Governo Federal no combate aos efeitos das secas do Nordeste. Ver em especial a Introdução e o capítulo O drama humano.

mais sábia que muitos manuais de boa alimentação, o que não eqüivale a dizer que não se possa ou deva em alguns casos, procurar melhorar qualitativamente os cardápios tradicionais, porém sempre que isso se fizer necessário, é preciso considerar que a alimentação é um importante traço cultural a ser respeitado.

> *"O sertanejo, quase sem comer frutas nem verduras, consegue escapar por outros meios aos malefícios das avitaminoses e das carências minerais patentes. Nos tempos normais dificilmente topará o médico, mesmo o especialista arguto, com estados de hemeralopia, de beribéri, de pelagra ou de escorbuto, cuja existência o seu raciocínio puramente teórico faria supor ser freqüente. Não. Estes casos só surgem, e então em trágica abundância, nos períodos calamitosos da seca.(209)*

Ao analisar a região sertaneja nordestina faz um relato minucioso dos efeitos da seca, seus trágicos quadros, suas conseqüências físico-psico-biológicas. Médico, especializado em nutrição, conhecia muito bem as conseqüências da fome no equilíbrio biológico e psicológico dos indivíduos, por isso afirma em tom dramático:

> *Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana como a fome quando alcança o limite da verdadeira inanição. (...) Estes estados de espíritos extremos representam, em última análise, as exteriorizações do tremendo conflito interior que se trava entre os impulsos e instintos da fome e os que levam a satisfação de outros desejos e aspirações. Entre a alma de homem e a do animal de rapina, entre o anjo e o demônio que simbolizam a ambivalência mental da condição humana.(249)*

Josué de Castro denomina seu estudo de documentário geográfico da fome e sugere que o mesmo deva servir como instrumento de informação para todos aqueles que desejam formular uma política econômica para o Nordeste, capaz de libertá-lo dessas taras ancestrais: sua fome e sua miséria.

O subdesenvolvimento e não as intempéries climáticas é apontado como

o principal fator de fome no Nordeste, seja no Nordeste açucareiro, seja nas áreas do sertão. A luta contra a fome não poderia ser encarada em termos de uma simples luta contra a seca, muito menos de luta contra os efeitos da seca, mas de luta contra o subdesenvolvimento em todo o seu complexo regional, pois todas as medidas e iniciativas não passariam de paliativos, enquanto não se procedesse a uma reforma agrária racional que libertasse as populações da servidão da terra, pondo-a a serviço de suas necessidades.

Ao discorrer sobre as características do subdesenvolvimento do Nordeste, inclui em sua análise a feliz expressão de Gabriel Ajdant, ao afirmar que *se é válida a existência de uma geografia da fome, também é válido o conceito de uma "geografia da desocupação" - "Géographie du Chômage"- e dentro deste conceito considerar o Nordeste como uma das grandes áreas do desemprego.*

Preocupado com os aspectos qualitativos do problema, desenvolve no capítulo conclusivo, "Estudo Comparativo do Conjunto Brasileiro", uma análise crítica do processo de desenvolvimento econômico, atentando para as suas raízes históricas e suas implicações:

> *A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é conseqüência, antes de tudo, de seu passado histórico.(280)*

Embasado nas teses dualistas, em voga na época como explicativas dos "contrastes" internos existentes nos países subdesenvolvidos que, segundo os teóricos do desenvolvimento, apresentavam dois pólos contrastantes: um desenvolvido, industrializado, aberto às inovações e mudanças e outro arcaico, de base agrícola e tradicional, refratário às inovações e mudanças de mentalidade, ressalta os contrastes gritantes da realidade brasileira, a urbana das grandes metrópoles industrializadas e a rural dominada por uma agricultura rudimentar e atrasada:

> *(...) De contrastes atordoantes, como este evidenciado entre o esplendor da vida urbana de algumas de nossas metrópoles e o atoleiro social, o marasmo da vida agrária em torno destas metrópoles. Contrastes como este de possuirmos uma indústria de alto padrão moderno e uma agricultura de índole feudal, apegada*

á rotina, a mais conservadora. Assim é o Brasil. (...)[12]

A reforma agrária é apontada e defendida com veemência na discussão de medidas concretas que deveriam ser tomadas para o combate à fome e à miséria: *uma necessidade histórica nesta hora de transformação social que atravessamos: como um imperativo nacional*

Na análise desta questão cita Moacyr Paixão que, segundo sua avaliação, expressa com muita felicidade o chamado problema agrário brasileiro em três características da sociedade rural: O domínio monopolista sobre grandes extensões de terra, por vezes de melhor qualidade; a existência de enorme massa de camponeses não proprietários de condição social heterogênea, regra geral pobres; as fricções sociais em torno da terra, que se manifestam sobretudo a partir das posições opostas vividas pelos grandes proprietários fundiários e a massa rural sem terra, atingem outras camadas sociais do campo.[13]

Sem uma verdadeira reforma agrária acreditava que seria impossível combater-se a fome e a miséria. Era necessário mexer nos privilégios de uns poucos, em detrimento do bem-estar da maioria da coletividade, era preciso vencer este desafio para não correr-se o risco de, no momento em que o Brasil dava um grande salto em sua história, não conseguir alcançar o outro lado do fosso, pois que não seria possível saltar esse fosso com um povo faminto, um povo que não dispusesse do mínimo essencial para suas necessidades básicas de vida: um mínimo de alimentação.

Ao defender a reforma agrária, faz um exortação para que se desenvolva uma campanha de esclarecimento sobre o tema a fim de que se pudesse enfrentar

---

[12] Sobre a teoria dualista ver entre outros: BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de Contrastes*. São Paulo: DIFEL, 1959. Da mesma época e também analisando o Brasil numa perspectiva dualista, LAMBERT, Jacques. *Os Dois Brasis*. Rio de Janeiro: INEP/COPE, 1959. Série Sociedade e Educação. vol. 1. A respeito da tese do feudalismo agrário vide: GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Outros autores que embasam a postura de Josué, são: BALANTIER, Georges. Le Contexte Socio-Culturel et le Côut Social du Progrès In Tiers Monde, Paris, 1956; MYRDAL, Gunnar. *Une Economie Internationale*. Paris, 1958.

[13] A obra citada é *Reforma agrária — Um Programa de Desenvolvimento Econômico*. A respeito da discussão sobre a Reforma Agrária, vide entre outros: MARIGHELA, Carlos et alli. *A questão agrária no Brasil: Textos dos anos sessenta*. São Paulo: Brasil Debates, 1980. (Coleção Brasil estudos n.° 1); SILVA, S. F. Graziano da. e E. STOLCKE, Verena. (org.) *A Questão Agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1981; CARVALHO, Abdias V. e DÍNCAO, Maria da Conceição. *Reforma Agrária – Significado e viabilidade*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1982; MARTIENES, Paulo. *Reforma Agrária – Questão de Terra ou de Gente*? São Paulo: Moderna, 1987.

esse tabu, assunto proibido, escabroso e perigoso, com a mesma coragem com que se estava enfrentando o tabu da fome, esclarecendo que a reforma agrária não era nenhum bicho-papão ou dragão maléfico que iria engolir toda a riqueza dos proprietários de terra, como pensavam os mal avisados, mas que, ao contrário, seria extremamente benéfica para todos os que participavam socialmente da exploração agrícola.

O desenvolvimento do país só poderia se efetivar através de uma reforma agrária, afim de que se tivesse condições de inocular na economia rural os germes de progresso e desenvolvimento representados pelos instrumentos técnicos de produção, pelos recursos financeiros, e pela garantia de um justo rendimento das atividades agrárias, entendidos pelo autor como *forma de libertar a nossa agricultura dos freios do colonialismo agonizante e liberar, indiretamente, o nosso desenvolvimento econômico do principal fator de estrangulamento do seu crescimento,* como era visto o marasmo da agricultura brasileira.

Comprometido com as teses que defendia e caracterizando-se como um homem de ação e não apenas de reflexão, conclui sua obra enumerando dez pontos acerca da relação entre os problemas alimentares e as estratégias para o desenvolvimento brasileiro, ressaltando os quadros de fome endêmica e epidêmica que caracterizavam a realidade brasileira, as conseqüências nefastas produzidas pela fome a corroer a alma dos famintos, levando-os da apatia e conformismo à explosão violenta e desordenada, que denominadas de "rebeldias improdutivas", como conseqüência de populações neurastênicas e avitaminadas.

Em suas conclusões finais alerta que nada existia de específico contra a fome, nenhuma panacéia que pudesse curar este mal como se fosse uma doença de causa definida, pois esta não era mais do que uma expressão do subdesenvolvimento econômico e só desapareceria quando este fosse varrido do país, juntamente com o pauperismo generalizado que este condiciona.

Em síntese, tornava-se imperiosa uma análise crítica do processo de desenvolvimento econômico brasileiro, inclusive do plano de metas do governo Juscelino Kubitschek, salientando a necessidade de uma planificação econômica. Diante do que considerava "um falso desenvolvimento", atenta para o aumento do desemprego, o inchaço das grandes cidades e o crescimento do pauperismo generalizado, o desequilíbrio entre a cidade e o campo e o perigo de se justificar sempre *"o custo do progresso"*.

As conclusões a que Josué chega nesta obra continuam válidas para o Brasil neste final de século. As contradições internas não se atenuaram, antes se

acirraram e se agudizaram com a implementação nestas últimas décadas do projeto político neoliberal, que vem solapando o patrimônio nacional e as conquistas trabalhistas, gerando o desemprego e a exclusão social e, portanto acentuando o fosso que separa os ricos dos pobres. A fome longe de ser um problema solucionado, em que pese as inúmeras campanhas, projetos e programas desenvolvidos com esta finalidade, tem se acentuado a cada década. Nenhuma medida concreta foi implementada visando a eliminação do subdesenvolvimento. A reforma agrária ainda é o "calcanhar de Aquiles" da política brasileira, como muito bem asseverou Josué de Castro ao tratar da questão. Ao contrário do que apregoam os arautos governamentais, o pouco que tem sido feito deve-se a luta empreendida pelos trabalhadores sem-terra, através de suas organizações e das entidades que os representam ou apoiam, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, e de setores da Igreja Católica, como a CPT e outras pastorais.

O resultado da má vontade governamental tem se traduzido nas inúmeras mortes no campo decorrentes da luta pela terra e que deve ser traduzidas como uma luta pelo alimento, contra a fome e em defesa da vida.

As marcas geográficas da fome assinaladas por Josué de Castro e consideradas na época, por muitos críticos, como um desserviço ao país, foram e continuam sendo um desafio a ser superado. Estas marcas são o resultado de uma dívida social acumulada ao longo dos séculos para satisfazer os interesses mesquinhos de uma elite dominante que se alterna no comando do país, mas que precisa ser saldada. Contudo, sob o impacto das medidas preconizadas pelo Fundo Monetário Internacional - FMI, verdadeiro controlador e ditador das regras econômicas, prevê-se um futuro ameaçador para o Brasil, que tem mais da metade de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza.

A fome no mundo: uma questão geopolítica.

No prefácio da primeira edição de Geopolítica da Fome, de 1951, Josué de Castro justifica a expressão *"Geografia da Fome"* empregada pela primeira vez, em 1946, ao lançar seu livro e que deve, na ocasião, *"ter soado aos ouvidos de muita gente como uma chocante combinação de palavras"*, pois contrastava com o sentido usual dado à Geografia, sempre com maior ênfase aos aspectos positivos e favoráveis do mundo do que aos aspectos negativos. Esclarece que, em seus estudos, empregava a Geografia para tratar *"daquilo que o homem não fez, não soube ou não quis fazer"*, era, portanto, uma Geografia das misérias humanas,

"na qual se estudava, não a terra que dá de comer ao homem, mas o homem servindo apenas para alimentar a terra".

A premissa levantada ao estudar o Mapa da Fome no Brasil, de que esta era a mais negra e trágica expressão do subdesenvolvimento econômico, será o alicerce teórico básico de sustentação à análise do fenômeno universal da fome. Duas questões são colocadas como norteadoras do estudo: *Será a calamidade da fome um fenômeno natural, inerente à própria vida, uma contingência irremovível como a morte? Ou será a fome uma praga social criada pelo próprio homem?* Este é um assunto considerado delicado e perigoso para o autor. Assunto tão delicado e perigoso por suas implicações políticas e sociais que havia permanecido quase até aqueles dias como um dos tabus da nossa civilização.

A utilização do termo Geopolítica é justificado logo no início da Introdução, afim de que não houvesse nenhuma associação com a Geopolitik Germânica:

> *(...) embora degradada pela dialética nazista, a palavra Geopolítica continua mantendo sua hierarquia científica e precisa ser reabilitada em seu sentido real. (...) o que chamamos de Geopolítica (...) É apenas um método de interpretação da dinâmica dos fenômenos políticos em sua realidade espacial, com as suas raízes mergulhadas no solo ambiente. Poucos fenômenos têm interferido tão intensamente na conduta política dos povos, como o fenômeno alimentar, como a trágica necessidade de comer (28)*

Na primeira parte da obra denominada "O Fenômeno Universal da Fome", tece todo o arcabouço teórico de sua compreensão do objeto de estudo, buscando analisar em profundidade, não só as raízes históricas do problema, como seus condicionantes econômicos, sociais e culturais, os fatores geográficos e biológicos que interferem, as explicações fisiológicas e as conseqüências fisico-bio-psicológicas da fome, bem como a dimensão ecológica da questão e, sobretudo, a dimensão política, seguindo um método similar ao utilizado em Geografia da Fome.[14] Na segunda parte analisará a "Distribuição Regional da Fome", traçando uma espécie de Mapa da Fome no Mundo.

[14] Geografia da Fome é apresentado como o primeiro de uma série de cinco livros a serem escritos sobre a fome no mundo.

Segundo Josué de Castro tudo levava a crer que havia uma espécie de "conspiração de silêncio" em torno da temática e que a literatura ocidental, com algumas exceções, era cúmplice desta ocultação do fenômeno:

> *(...) cúmplice do silêncio, que ocultou aos olhos do mundo a verdadeira situação de enormes massas humanas debatendo-se dentro do círculo de ferro da fome.(41)*

Buscando desmascarar as verdadeiras causas da fome no mundo, alicerçado numa análise histórica, culpabiliza a economia colonial pela *feia tragédia da fome, produto, em grande parte, desse colonialismo desumanizado.*

Ao período histórico dos meados do século XX, já vividas as duas Grandes Guerras e duas revoluções sociais que mudaram substancialmente o panorama econômico e político do mundo - a revolução russa e a chinesa - denominará de fase revolucionária, no mesmo sentido que Ortega y Gasset emprega o conceito de crise histórica. [15]

Como já havia afirmado em *Geografia da Fome*, havia urgência de se apreender o problema em sua totalidade, *como um complexo de manifestações simultaneamente biológicas, econômicas e sociais* .Inspirado na critica que Ortega Y Gasset fazia ao ensino universitário, afirma que era necessário investir igualmente contra *a civilização dos especialistas*, esses *novos bárbaros, - homens cada vez mais sábios e cada vez mais incultos.* [16]

A grande polêmica travada em Geopolítica da Fome é contra as teses neo-malthusianas, denominadas por Josué de *"o espantalho malthusiano"*:

> *(...) os neomathusianos, ao afirmarem que o mundo vive faminto e está condenado a perecer numa epidemia total de fome porque os homens não controlam de maneira adequada os nascimentos de novos seres humanos, não fazem mais que atribuir a culpa da fome aos próprios famintos. (...) esses povos famintos não passam, a seu ver, de povos criminosos, criminosos culpados desse*

---

[15] Ver a respeito: ORTEGA Y GASSET, José. *A Rebelião das Massas.* São Paulo: Martins Fontes, 1987. Em várias ocasiões Josué inspira-se nas idéias deste pensador espanhol.

[16] A respeito do papel da Universidade publica o artigo "Função Social das Universidades", originariamente escrito como discurso de posse na cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 14 de junho de 1948. Vide: *Função Social das Universidades*, Rio de Janeiro: gráfica Sauer, 1948.

feio e temendo crime passar fome.
A teoria neomalthusiana é, em última análise, uma teoria do faminto-nato (54).

Nesta direção crítica, acusa as teses de William Vogt, de instrumento ideológico dos *"defensores e os aproveitadores da economia do tipo imperialista"*, referindo-se especificamente, ao livro *Road to Survival,* publicado em 1948. As absurdas projeções demográficas apresentadas pelos neomalthusianos como ameaça a vida no planeta, embasados na premissa de que *a produção de alimentos já não pode ser aumentada por nos encontrarmos, praticamente, nos limites máximos de aproveitamento do solo e de saturação humana da terra*[17], careciam, segundo Josué, de qualquer fundamento científico, além de serem ideologicamente reacionárias.

Na defesa de sua tese contra o controle da natalidade proposto pelos neo-malthusianos, esclarece:

Não concordamos inteiramente com Marx, quando afirma que a produção pode ser indefinidamente aumentada; mas, acreditamos que ainda estamos infinitamente longe do seu limite máximo. E, por isso não nos assusta o espectro de Malthus ou, como nos vem sempre vontade de dizer, o espantalho de Malthus. (57)

Geopolítica da Fome é uma obra escrita e publicada pouco depois de terminada a Segunda Guerra Mundial e o conflito entre os Estados Unidos e o Japão, quando as trágicas conseqüências destes dois acontecimentos, que abalaram o mundo, ainda estavam bem presentes na memória de boa parte da população mundial, em especial o horror causado pelas duas bombas atômicas lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasáki e os horrores dos campos de concentração nazistas, responsáveis pelo extermínio de milhares de judeus, ciganos, e outros povos de etnias consideradas "mestiças".

O momento histórico em que o livro foi escrito, o tema polêmico e angustiante de que tratava, bem como a veia poética do autor e o seu

[17] Este é ainda um tema controverso nas discussões sobre as perspectivas futuras das condições de vida no planeta. Ver a respeito entre outros: SASSON, Albert. *Alimentando o mundo de amanhã.* Rio de Janeiro: Imago, Paris: UNESCO, 1993. Em especial: Produção e Comércio dos Produtos Agroalimentícios e Realizações e Promessas: Cooperação Internacional e Perspectivas.

comprometimento com a temática contribuíram, sem sombras de dúvida, para as pinceladas mais fortes de emocionalismo que marcam a análise dos quadros da fome no mundo. Por isso e prevendo a crítica mesquinha embasada na visão preconceituosa do que seria o verdadeiro "linguajar científico", o autor justifica:

> *Certamente, em alguns trechos deste livro o leitor poderá sentir uma certa paixão nas palavras do autor, mas é a paixão pela verdade, que é a poesia da ciência. Paixão pelos problemas humanos em sua totalidade e em sua universalidade. O fato de o autor fazer uso, em alguns trechos, de tintas um tanto negras deve ser considerado pelo leitor uma conseqüência inevitável de ter sido este livro - documentário de uma era de calamidades - pensado e escrito sob a influência psicológica da pesada atmosfera que o mundo vem respirando nos últimos dez anos. Atmosfera contaminada pela corrupção, pela frustração e pelo medo e abafada pela fumaceira das bombas e dos canhões, pela pressão das censuras de toda ordem, pelos gritos e clamores das vítimas da guerra e pelos gemidos surdos dos aniquilados pela fome.(62-63)*

Embora fosse um professor universitário, com formação científica e preocupações acadêmicas, buscava dialogar com o grande público, para que um número maior de leitores pudessem ter acesso à sua obra e sensibilizarem-se com suas mensagens. Neste sentido, Josué pode ser enquadrado como o tipo de intelectual de que nos fala Jacoby: *(...) os intelectuais públicos, como os escritores e pensadores que se dirigem a uma audiência educada e não especializada. (...)*, ou seja, intelectuais independentes, que escreviam para o leitor educado.[18]

Geopolítica da Fome está dividida em três partes, nas duas primeiras, *o mundo da fome é analisado em sua expressão universal e em suas peculiaridades regionais*, na terceira, são analisadas as possibilidades de *um mundo sem fome, um mundo de homens libertados desta terrível escravidão biológica,* em que *outros recursos menos drásticos do que o da redução forçada da população do mundo,* deverão ser acionados para combater a fome e aumentar as reservas alimentares.

[18] Embora Jacoby refira-se ao caso americano, esta reflexão é pertinente na análise de Josué de Castro. Ver a respeito: JACOBY, Russell. *Os Últimos Intelectuais: A cultura americana na era da Academia*. São Paulo: Trajetória Cultural/Edusp, 1990. p. 18 – 19.

Josué condensa em vários tópicos estudos já realizados anteriormente. A parte referente à análise das causas da fome oculta, já havia sido tratada em "O Problema da Alimentação no Brasil", "Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana"; "La Alimentación en Los Trópicos" e "Alimentação e Raça".

Em "Distribuição Regional da Fome", procede a um estudo minucioso da fome nas várias regiões do planeta e analisa as causas estruturais do problema, buscando derrubar o mito de que o atraso de algumas populações estaria ligado ao clima ou à raça, bem como reafirma para o caso latino americano, que a explicação para o atraso em áreas de tão grandes possibilidades econômicas não poderia ser dada através de teses ultrapassadas e equivocadas, o mal não era de clima ou de raça, mas de fome.

> *Nestas e noutras paisagens da América Latina encontra-se sempre um nativo com ar sonolento, carpindo sua fome e sua miséria.(128)*

No capítulo A Miséria na Terra da Abundância - os Estados Unidos da América – denuncia, através dos quadros da fome que grassavam entre as populações pobres e em sua maioria negras, do sul dos Estados Unidos, a miséria e a fome no país considerado como a economia mais rica do planeta. As conclusões a que chega são pesarosas e pouco otimistas:

> *Por muito tempo ainda o dilema da fome no sul dos Estados Unidos desafiará a capacidade de planejamento dos técnicos e economistas norte-americanos e as manchas da fome manterão seu negro friso em torno dos "cortiços rurais, do Sul*[19]

Ao analisar a fome na velha Ásia, discorre sobre a história milenar de fome que acompanhava a China e que havia deixado profundas marcas na cultura e hábitos chineses:

> *(...) O alimento constitui na China uma tão premente necessidade que o fato se reflete nas expressões idiomáticas do seu povo. Mallôry observa que a*

[19] Em 17 e 18 de janeiro de 1971, Josué de Castro publica em Paris, no Jornal LE MONDE, o artigo A Miséria na Abundância: A Fome nos Estados Unidos da América e denuncia: *"O escândalo da fome em 1970 que denunciamos ao mundo há cerca de vinte anos e que foi abafado - ameaça agora por em dúvida, de maneira dramática, a afirmação quase universal de que os Estados Unidos da América são um país verdadeiramente bem desenvolvido. (...)"* Este texto integra a coletânea: *Fome, um tema proibido. Os Últimos Escritos de Josué de Castro.*

saudação a um amigo que se encontra se faz com as seguintes palavras - "já comeu?". Analisando o linguajar do camponês da China, têm os estudiosos destacado o fato de que nenhuma fonte lhe fornece maior abundância de imagens idiomáticas que a alimentação.(204)

Conhecedor profundo dos problemas decorrentes da carência alimentar, é a fome oculta que lhe preocupa e que busca denunciar em seu estudo, revelando, com essa obra, a um extenso público, as verdadeiras cores do mundo: *negras manchas demográficas da fome.*

O quadro mais preocupante e perigoso para o autor é o representado pelas fomes qualitativas específicas a que essa população está permanentemente submetida: *fomes de proteína, de sais minerais e de vitaminas. A fome de proteínas é extremamente generalizada, desde que as fontes de proteína completa, como a carne, os ovos, e o leite quase não participam da dieta.(212)*

Ao analisar a fome na China e as estratégias de sobrevivência alimentar utilizadas pela população para instintivamente completar e tentar equilibrar a dieta alimentar, inclusive não desperdiçando nenhum recurso que possa ser reaproveitado, como é o caso da utilização das fezes como fertilizantes, acaba concluindo que: *Tudo acaba sempre entrando em equilíbrio nesse aquário faminto!*

Em vários trechos recorre a relatos contidos em romances que tratam do tema, como é o caso de "A Terra dos Deuses" de Pearl Buck, "As Vinhas da Ira" de John Steinbeck, e " Fome" de Knut Hamsun, tornando a leitura de seu livro mais acessível e atraente, sem que sua obra perca o caráter científico , ao contrário, esse recurso a torna mais consistente.

Ao analisar a fome na Índia pondera que não são apenas a fome e a subnutrição as causas dessa mortífera devastação da população indiana, mas todo um conjunto de condições sanitárias desfavoráveis, contudo, aponta a fome como a porta de entrada de uma série de doenças que denomina de *"Capitães da Morte"*:

A tuberculose, a disenteria, a cólera, a verminose – enfim todos os Capitães da Morte têm nessa área sua tarefa enormemente ajudada pela fome. E, de vez em quando, a fome passa de auxiliar a chefe do bando, e dizima gente em tal escala que arrebata para si o troféu dos mais altos índices de mortalidade do mundo.

Depois de um balanço dos prejuízos para o pleno desenvolvimento

indiano da sua situação de ex-colônia inglesa, conclui;

> *Diante deste balanço das características econômicas da colonização britânica chega-se à conclusão de que, se não foram os ingleses que inventaram a fome na Índia (...) a verdade é que os ingleses procuraram conservar esta e outras sobrevivências do feudalismo, no interesse do seu colonialismo imperialista. (262)*

A análise é contundente e alarmante também para o Japão, para o continente africano e para a Europa - neste caso, dá uma ênfase muito grande aos quadros de fome decorrentes das duas grandes guerras e, no caso alemão, a fome como herança do nazismo.[20]

Na terceira parte, de caráter conclusivo, é enfático ao afirmar que a fome é um flagelo fabricado pelos homens em suas opções econômicas e políticas e, portanto, capaz de ser eliminado pela vontade dos homens e é a essa "vontade" que apela ao defender que a batalha da fome não se constituía em nenhuma tarefa quixotesca, mas uma necessidade que se transparecia à análise fria e realista da situação política e econômica do mundo na época:

> *A luta contra a fome e sua possível eliminação da superfície da terra não constitui, portanto, utopia, nem o fantasmagórico sonho de um mundo de fadas, mas um objetivo perfeitamente realizável nos limites da capacidade dos homens e das possibilidades da terra.(372)*

Na parte final do estudo enfatiza a necessidade de buscar-se um

[20] A respeito da fome na Europa publica os artigos: "A história da fome na Europa" DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1950 e 25 de outubro de 1950; "A Europa dos Anos Decisivos". DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1950; "A Fome, herança do Nazismo", DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1951 e "A Alemanha de após-guerra". No mesmo jornal, em 18 de fevereiro de 1951. Sobre a fome na África publica os artigos: "África: O império negro da fome", dividido em duas partes, no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de 10, 13 e 27 de setembro de 1950 e "Alimentação e nutrição da África." No mesmo jornal em 24 de outubro de 1950. Ainda em relação a fome no mundo publica: "As raízes do imperialismo japonês", em quatro partes, no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, nos dias 30 de abril, 18 e 28 de maio e 11 de junho de 1950. Neste mesmo ano publica ainda no DIÁRIO DE NOTÍCIAS, do Rio de Janeiro, no dia 28 de junho de 1950. "A colonização Britânica nas Antilhas". Todos estes artigos tem como referedum *Geopolítica da Fome.*

aumento ponderável da produção mundial de alimentos, com a ampliação das áreas cultivadas, através do seu manejo adequado, utilizando tecnologias não degradadoras do ambiente. Ressalta a importância de se investir no desenvolvimento científico para o avanço do melhoramento e ampliação da produção alimentar. Embora fosse defensor da utilização de modernas tecnologias capazes de aumentarem a produtividade agrícola, pondera sobre a cautela que se deveria ter com o uso indiscriminado de certos insumos, como os fertilizantes, empregados em larga escala, em especial, com os seus possíveis efeitos negativos sobre o valor nutritivo dos produtos obtidos.

Ao discorrer sobre o caminho da abundância, condena o nacionalismo agrícola como uma mazela mais perigosa do que qualquer outra forma de nacionalismo econômico, propondo como alternativa um instrumento internacional de ação e consulta cooperativa no campo das mercadorias, de modo que as nações pudessem reunir seus esforços na guerra contra os inimigos da humanidade – miséria, doenças e fome – ao invés de atacarem a prosperidade umas das outras, num vã esforço de defenderem a própria prosperidade.

Em suas conclusões tece críticas veementes aos postulados neomalthusianos, afirmando que o caminho da sobrevivência poderia ser alcançado, ao contrário do que pregavam os adeptos de Voght, *na tentativa de tornar produtiva toda a gente que vive na superfície da terra* e não deixar morrer os fracos e doentes e apressar a morte dos famintos como pregava a política neomalthusiana alicerçada numa economia desumanizada. Otimista, conclui quanto à possibilidade de se eliminar o flagelo da fome:

> *(...) Felizmente o mundo não se deixa arrastar por essas concepções derrotistas e dissolventes que, embora sob a aparência de concepções científicas, longe de conduzi-lo ao caminho da sobrevivência, o arrastariam à morte, à revolução e à guerra... ao caminho da perdição.(407)*[21]

[21] Willian Vogt irá manifestar-se contra as afirmações de Josué de Castro em carta enviada ao editor do jornal de NEW YORK NEWS ressaltando que:
"(...) não aconteceu nada nestes cinco anos, desde que terminei Road to Survival, que me conduza a mudar o meu ponto de vista. Por exemplo, uma recente carta da Argentina mostra que para o controle da erosão em 49000.000 acres o preço anual é de 500.000 pesos. A F A O (Organização de Alimentação e Agricultura da Nação Unidas) denuncia que nos últimos 50 anos a produção mundial de alimentos tem crescido 9 por cento e a população 12 por cento. E enquanto isso o Presidente do Conselho
Executivo da FAO produz um livro como A Geografia da Fome". Não há indicação da data de publicação, mas pelo teor da nota e a referência a Josué de Castro como Presidente do Conselho da FAO, deve ser de 1953-54.

Escrita há quase cinqüenta anos esta obra sofreu várias atualizações em suas diversas edições, sendo sempre mantido o teor das análises, apenas atualizando os dados estatísticos e inserindo novas informações a respeito do cenário mundial da fome, ou seja, apenas atualizando o quadro geopolítico da fome no mundo.

As denúncias levantadas neste livro, apesar de terem sido contestadas por alguns ideólogos representantes dos interesses expansionistas do grande capital, bem como pelos defensores da "honra pátria" dos países colonizadores, que não gostaram da forma como o autor desnudou a fúria predatória destes países em relação a suas antigas colônias, acusando-os de responsáveis diretos pela miséria, atraso e fome que reinava nos mesmos, são válidas até hoje.

A fome continua a fazer cada vez mais vitimas em todo o planeta, corroborando a assertiva de que" toda a Terra é terra de fome", embora uns padeçam mais que outros na luta pela sobrevivência. Afinal, este não é um flagelo natural, nem uma praga divina enviada para castigar os homens e sim o resultado de um modelo econômico e político perverso que precisa fabricar miseráveis para que uma minoria privilegiada possa usufruir da riqueza produzida pela maioria.

O estudo feito em 1951 sobre a fome no mundo, encontrou eco na campanha mundial que a FAO lançou em 1960, contra a fome e que previa que em um decênio o problema estaria amenizado. Em 1996, a ONU diante do fracasso da campanha anterior vê-se obrigada a repetir a mesma façanha em campanha similar, diante do imenso número de famintos e desnutridos do planeta: mais de 800milhões de pessoas foram consideradas como famintas em todo o mundo subdesenvolvido, sendo que o maior índice está concentrado na faixa etária de 0 a 5 anos de idade.

O desafio permanece: como apagar as marcas geográficas e geopolíticas da fome da superfície do planeta?

A solução possível: Por um Mapa da Abundância.

É possível reverter-se o quadro de misérias mundiais? A fome pode ser eliminada da face da Terra? Como sensibilizar os mais ricos para as necessidades dos mais pobres, ou seja, como fazer para repartir o banquete para mais convidados? Será que um dia poderemos falar não num mapa da fome, mas num mapa da abundância?

Estas são questões que nos vem à mente diante da angustiante situação de dois terços da população mundial que padece de fome e diante do que se nos

apresenta como uma irreversível globalização da pobreza. Fica difícil diante do quadro global de desigualdades sociais imaginar um mundo menos desigual, menos injusto, mais solidário.

No inicio dos anos setenta, Josué de Castro denunciava os mesquinhos interesses do modelo econômico exportado para o mundo, representado pelo que denominava de "imperialismo econômico", bem como pelo comércio internacional, controlados por minorias cegas pela ambição da acumulação e da usura que ansiavam pelo controle total da produção, distribuição e consumo dos produtos alimentícios de modo que esses pudessem continuar desenvolvendo-se indefinidamente como puros fenômenos econômicos, dirigidos no sentido de seus interesses financeiros exclusivos e não como fenômenos do maior interesse social, destinados a proporcionar o bem estar à toda a coletividade.

Ao apagar as luzes do século XX o mundo ainda terá como sua maior herança a fome , a miséria e as desigualdades sociais. Exibiremos as rotas fantasias do "lixo do luxo" numa festa marcada pela incerteza do futuro. Apesar de todo o avanço científico e tecnológico alcançado neste século não conseguimos resolver o problema alimentar, apesar de não haver escassez de terras para produzir alimentos e nem o fantasma da superpopulação à ameaçar a sobrevivência humana, como apregoavam os ideólogos da catástrofe demográfica . Há condições tecnológicas de incrementar a produção de alimentos no mundo e de distribuí-los de forma mais eqüitativa, de modo a transformar o quadro de misérias mundiais em um quadro de abundância e de bem estar geral.

Talvez, que diante do impasse que vivemos frente a imposição de um modelo civilizacional calcado nos interesses das grandes potências mundiais e no jogo do grande capital, que dita as regras conforme a sua fome de lucro, devêssemos refletir sobre o alerta que nos fez Josué de Castro na década de setenta idealizando um mapa da abundância para o planeta:

> *Quero dizer que não há um só desenvolvimento e os ocidentais se equivocam ao acreditarem que possuem a única civilização e que o desenvolvimento consiste em imitar essa civilização.*[22]

[22] Josué de Castro - Una Voz del Tercer Mundo. Revista TRIUNFO, Santiago del Chile, 24 de junho de 1972. Ano XXVII, n.°. 508, p 31.

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, **Josué de.** ***A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana.*** **Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.**

_____ ***Geografia Humana: Estudo da Paisagem Cultural do Mundo.*** **Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.**

_____ ***La Alimentación en los Trópicos.*** **México: Fondo de Cultura Econômica, 1946.**

_____ ***Geopolítica da Fome: Ensaio sobre os Problemas de Alimentação e População do Mundo.*** **Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.**

_____ ***A Cidade do Recife: Ensaio de Geografia Urbana.*** **Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.**

_____ ***Ensaios de Biologia Social.*** **São Paulo: Brasiliense, 1957.**

_____ ***Geografia da Fome. (O Dilema Brasileiro: Pão ou Aço).*** **10ª ed. Rio de Janeiro: Antares/Achiamé, 1976.**

SILVA, **Tânia Elias Magno da.** ***Josué de Castro: Para uma Poética da Fome.*** **São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, 1998. Tese de Doutorado.**

ABSTRACT

This present paper has discussed some geografic features of the whole work form the social scientist and physician Dr. Josué de Castro (1908-1973), focusing in his thoughts of the way to visualize the hungry geography and his purposes on the geography of the abundance.